

A ESCALADA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

MS. FABRÍCIO AMARAL DE SOUZA

Professor do Instituto Federal do Espírito Santo

Pesquisador do LAEFA/CEFD/UFES

Sociopesquisador do CBCE

DRA. PAULA CRISTINA DA COSTA SILVA

Professora Adjunta do Centro de Educação Física e

Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo

Pesquisadora do PRÁXIS/CEFD/UFES

Sociapesquisadora do CBCE

Resumo | Este texto é uma reflexão sobre a inserção da escalada nas aulas de Educação Física escolar no ensino médio. Relata uma experiência sobre o trato desse conteúdo no cotidiano de uma escola no Estado do Espírito Santo e busca apontar o nível de aceitação dos alunos, as dificuldades para a implementação das aulas e os benefícios trazidos com essa prática esportiva. Observa-se que esse conteúdo é capaz de abarcar diferentes objetivos educacionais podendo despertar o interesse e o gosto dos adolescentes pela prática de atividades físicas.

Palavras-chave | Escalada esportiva. Ensino-aprendizado nas aulas de educação física escolar. Atividades físicas de aventura na natureza.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho é um dos frutos do Curso de Especialização em Educação Física, para a Educação Básica, realizado no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES). Nessa ocasião, por meio de trocas de experiências, entendemos que a escalada poderia ser utilizada como conteúdo da Educação Física escolar. Diante disso, decidimos abordar essa atividade, de forma a

incorporá-la ao conjunto de práticas pedagógicas da escola, apontando alguns limites e possibilidades de seu trato nas aulas de Educação Física no ensino médio, em uma escola técnica, pública,¹ localizada na região metropolitana de Vitória-ES.²

A descrição da prática pedagógica está circunscrita às aulas de Educação Física ministradas para 33 estudantes de uma turma que corresponde ao 2º ano do ensino médio, durante o segundo bimestre do ano letivo de 2010.

INICIANDO A TRILHA: O QUE É ESCALADA ESPORTIVA E SUA INSERÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A proposta da abordagem da escalada nas aulas de Educação Física deveu-se à inserção de quase uma década de participação de um dos pesquisadores na prática dessa modalidade esportiva. Essa experiência foi marcada por situações nas quais os desafios, a superação dos medos, o constante lidar com sucessos e fracassos, a confiança nos parceiros e o respeito pela natureza proporcionaram a construção de um novo olhar. Olhar este que se mostrou mais atento e apurado, estimulando a formulação de questionamentos relativos aos limites e possibilidades de nossas ações diante de diferentes situações do cotidiano, refletindo diretamente na atividade docente.

Outra motivação importante para essa escolha foi a percepção do potencial educacional imbricado nessa atividade, visto que a prática está repleta de temas que envolvem as dimensões atitudinal, procedimental e conceitual do conhecimento (COLL, 2000; DARIDO, 2005, *apud* PEREIRA, 2010).

Entendemos que a escalada faz parte de uma gama de atividades capazes de provocar emoções relacionadas com o risco, o medo e os

-
1. A referida escola atende a demanda de alunos do ensino técnico integrado e médio
 2. Essa região abarca os municípios de Vitória, Vila Velha, Cariacica, Serra, Viana e Guarapari.

desafios, podendo gerar uma excitação e despertar maior interesse dos estudantes. Entretanto, é preciso pontuar que os riscos associados à prática referem-se ao aspecto mimético, ou seja, são perigos imaginários que proporcionam emoções fortes (ELIAS; DUNNING, 1992). Assim, a escalada possui especificidades relacionadas com a segurança, o controle dos riscos e os desafios que possibilitam sua introdução no ambiente escolar.

Historicamente, a origem do esporte não é consensual. Para certos autores, essa prática tem seu início no alpinismo; para outros, ela surge em 1970, na Califórnia - EUA, em forma de um movimento liderado pelo chamado “Código de Ética do Livre” (CORNELOUP, 1993, *apud* COSTA, 2004). Entretanto, foram os adeptos do alpinismo que inventaram e difundiram as regras da escalada.

Em meados de 1970, a escalada ganhou mais conteúdos lúdicos, assumindo uma feição de jogo com algumas regras básicas que deram um novo sentido à prática desse esporte. Por meio de uma evolução tecnológica e técnica, a adoção de regras que sugerem a utilização mínima dos equipamentos, apenas para garantir a segurança, fez do próprio corpo do praticante um dos meios para vencer os obstáculos. Assim, foi convencionado que, para subir, só poderiam ser utilizados os recursos da própria rocha, sendo os equipamentos destinados à prevenção de acidentes, no caso de quedas, e para o rapel. Esse ideal de prática foi difundido e adotado pelos adeptos dos esportes de montanha (CORNELOUP, 1993, *apud* COSTA, 2004).

Com isso, a escalada transformou-se, imbuindo-se de elementos que preencheram as lacunas existentes nos esportes de competição ou de espetáculo, atraindo a atenção da juventude ao afirmar seu gosto pelo desafio, pela aventura, pelo convívio e pelo contato com a natureza (VIDEIRA, 2008).

Na escola, especialmente nas aulas de Educação Física, seria possível o ensino da escalada?

Consideramos que sim, pois a Educação Física escolar pode integrar em seu corpo de conhecimentos práticas como a escalada, uma vez que a vemos como parte da cultura corporal de movimento (BRACHT, 2005).

Essa disciplina, por sua vez, possui diversas manifestações que significam expressões concretas, históricas, modos de viver, de experienciar, de entender o corpo e o movimento em determinado contexto social.

As práticas corporais nas aulas de Educação Física, geralmente, estão vinculadas aos conteúdos que privilegiam as modalidades esportivas tradicionais, como o futebol e o vôlei. Nesse sentido, há sinais de saturação e esgotamento, por parte dos alunos, desses temas, o que gera insatisfações e resistências no cotidiano escolar (OLIVEIRA, 1999).

Assim, seguindo pela “trilha”, passamos a relatar como ocorreu a experiência com a escalada nas aulas.

AS “VIAS”³SEGUIDAS

Apresentar as características do cenário em que acontece a prática pedagógica dos professores de Educação Física é fundamental, pois a localidade e a especificidade da mobilização e produção dos saberes da cultura pedagógica precisam estar concretamente relacionadas. Assim, a breve descrição do contexto institucional e profissional em que estamos inseridos considera os condicionantes práticos com os quais nos deparamos no cotidiano. Nessa esteira, Tardif (2002, p. 116) afirma que “[...] o magistério merece ser descrito e interpretado em função das condições, condicionantes e recursos que determinam e circunscrevem a ação cotidiana dos profissionais”.

Os conteúdos das aulas de Educação Física que ministramos são tratados por meio da seleção de temas geradores, considerando a sua relevância sociocultural. A escolha do conteúdo escalada está inserida no tema Jogos e Brincadeiras desenvolvido durante os dois últimos bimestres do ano letivo de 2010.

O ensino da Educação Física nessa escola ocorre em três aulas consecutivas por semana para cada turma. O objetivo de ensino do

3. Nomenclatura utilizada na escalada para identificar caminhos ou rotas a serem seguidos para se chegar ao cume de uma montanha ou ao fim de uma parede de escalada.

conteúdo abordado foi permitir a socialização e ampliação do repertório de saberes dos alunos sobre os elementos da cultura corporal da escalada historicamente construída. Dessa forma, o ensino desse tema procurou contemplar as dimensões atitudinais, procedimentais e conceituais, abrangendo tanto o conhecimento sobre a escalada esportiva, seu histórico e conceitos, como o repertório das técnicas corporais e o ensino dos conteúdos formativos de valores e atitudes. Nesse sentido, foram tratados temas relativos às técnicas de segurança e utilização dos equipamentos, bem como o ensino do significado da ética, do mínimo impacto na natureza, do respeito ao próximo e da autoconfiança para vencer as limitações apresentadas no desenrolar do aprender a escalar.

A estrutura das aulas foi organizada com as seguintes rotinas: apresentação dos conteúdos, experimentação, aprendizagem e avaliação.

Na apresentação, procuramos estabelecer um diálogo com os alunos sobre o assunto proposto, deixando-os expressar seus saberes e experiências anteriores.

Na experimentação, colocamos uma situação de ensino para que eles pudessem vivenciar um conhecimento da escalada.

Já na aprendizagem, convidamos os alunos a apresentarem experiências bem-sucedidas, para solucionar as situações-problema apresentadas pelos colegas.

Para as avaliações do processo de ensino, foi dada ênfase à valorização das decisões em conjunto e à possibilidade de os alunos tomarem iniciativas e desenvolverem esquemas de aprendizagem autônoma e responsável dos conteúdos ensinados. Os termos ensino e avaliação são entendidos por nós como elementos complementares e interdependentes, em que os educandos também precisam aprender a tomar decisões, mobilizar recursos e ativar os seus esquemas, isto é, desenvolver competências (PERRENOUD, 2001).

Para a realização desta pesquisa, utilizamos, como instrumentos de coleta de dados, um relatório avaliativo do conteúdo desenvolvido e nossas próprias anotações feitas em um diário de campo.

DESAFIOS E “CONQUISTAS”⁴

Analisando o processo desenvolvido nessa ação pedagógica pelos relatos dos alunos participantes, verificamos que a falta de um repertório maior de possibilidades de trato dos conhecimentos da cultura corporal, nas aulas de Educação Física, pode causar descontentamentos, insatisfações e resistências. Por outro lado, a possibilidade de experimentar conteúdos diferentes pode ressignificar o olhar desses educandos para essas aulas, conforme indicam os depoimentos abaixo:

Foi ótimo poder praticar outros esportes fora os tradicionais que venho praticando desde o início do ensino fundamental [...]. Existe uma variedade de esportes no mundo e até pouco tempo só havia praticado na escola estes quatro esportes. De maneira geral, gostei muito de praticar o rapel que foi uma experiência única (DEIVID)⁵.

Eu, particularmente, gostei muito das aulas, pois foi uma coisa diferente e muito interessante. No começo eu fiquei com um pouco de medo, mas logo fui perdendo, e espero que ano que vem tenha esse conteúdo novamente, pois foi um conteúdo que nenhum outro professor tinha passado antes (JOELMA).

Corroborando o que vivemos, podemos mencionar uma pesquisa realizada entre 1997 e 1998, nas escolas estaduais do Estado do Espírito Santo, que visou a compreender o imaginário dos estudantes referente à Educação Física e constatou que 62,7% dos alunos pesquisados se encontravam insatisfeitos com os conteúdos das aulas (DIAS *et al.*, 1999).

Dessa forma, vemos uma saturação, por parte dos educandos, à insistente especialização imposta pela exclusividade dos esportes de quadra, tradicionalmente adotados nas aulas de Educação Física (OLIVEIRA, 1999). Assim, cabe ao professor buscar novos conhecimentos que possibilitem trabalhar os conteúdos da cultura corporal, de forma prazerosa e estimulante, reconhecendo que diferentes práticas podem provocar a curiosidade, ampliar a participação nas aulas e, assim, contribuir para o processo de transformação de atitudes e de comportamentos.

-
4. Termo utilizado quando um escalador constrói uma nova via para chegar ao seu objetivo, o cume.
 5. Os nomes citados são fictícios com o intuito de preservar o anonimato dos participantes da pesquisa.

O aprendizado de novos conhecimentos que contribuam para um autoconhecimento sobre os limites e possibilidades de cada um também foi abordado, conforme revela o seguinte relato:

Com as aulas, passei a ter a noção de como esses esportes eram praticados, dos benefícios dessas atividades e dos cuidados que também devemos tomar. Gostei muito das aulas e achei o rapel um esporte bem dinâmico, interativo e divertido em que todos os alunos podem encarar seus medos de frente e superá-los (IGOR).

Pudemos identificar algumas estratégias que contribuíram para o êxito do processo, por exemplo: a apresentação dos equipamentos de escalada, a exibição de filmes⁶ que ilustravam o desenvolvimento histórico do esporte e a leitura de textos⁷ específicos sobre o assunto. Essas estratégias funcionaram como temas disparadores, viabilizando a elaboração de questões que direcionaram o planejamento de futuras aulas.

A vivência de diferentes modalidades e técnicas de escalada e rapel planejadas e desenvolvidas com diferentes níveis de dificuldade, assim como a atribuição de variadas tarefas para determinados alunos proporcionaram a participação de todos, respeitando os limites e possibilidades de cada um.

Notamos também que os alunos demonstraram que a escalada era uma experiência pedagógica interessante, capaz de contribuir com a sensibilização de aspectos positivos relacionados com valores como o respeito ao outro e a confiança mútua, conforme evidencia o relato avaliativo abaixo:

Gostei das atividades, apesar de não gostar do esporte, pois tenho medo de altura e não gosto de adrenalina, mas nas aulas aprendi muitas coisas e tivemos a oportunidade de praticar, sendo que o que mais me marcou foi saber como utilizar os equipamentos, quando praticamos o rapel (VERÔNICA).

As questões éticas associadas ao mínimo impacto e ao respeito, quanto à autoria da conquista de uma nova via, foram temas que proporcionaram

6. Filme “Caminho Teixeira”, disponível no site: www.youtube.com/watch?v=ScoczRy6R6E.

7. Utilizamos alguns capítulos do livro de Daflon; Daflon (2010); “Escale melhor e com mais segurança”, cujo site: www.companhiadaescalada.com.br/tecnica/tecnica.htm disponibiliza alguns trechos para consulta, com o objetivo de potencializar o processo de aprendizagem de nossos alunos.

reflexões interessantes e evidenciaram a apropriação de novos conhecimentos e valores que contribuiriam com o processo de aprendizagem dos alunos. Por isso, os temas foram considerados como resultados positivos e destacados conforme as avaliações apresentadas abaixo:

Também foi possível aprender algumas técnicas para reduzir o impacto na natureza como, por exemplo, levar sacos plásticos para recolher o lixo produzido, sempre utilizar as rotas predeterminadas, não alimentar os animais etc.(EDGAR).

Achei muito interessante a questão sobre o respeito que devemos ter sobre a autoria de um novo caminho para subir. Saber que uma via aberta não pode ser modificada sem a autorização de quem a fez é muito legal, pois assim a pessoa que foi primeiro passa a fazer parte da história da escalada daquele lugar (CARLOS).

Porém, as resistências ficaram evidentes. Ao mesmo tempo em que existia uma predisposição, por parte dos alunos, para novos conteúdos e aulas inovadoras, alguns se recusavam a participar das atividades. Isso porque notamos receios, medos e inibição em aceitar as propostas que mostravam seus próprios movimentos corporais, como também dispersão durante as tarefas individuais, apresentando certos preconceitos sobre a abordagem de um novo assunto.

Outro fator limitante que vimos está relacionado com os equipamentos de segurança e a sua utilização, pois são materiais de alto custo e de difícil manuseio, que exigiram um bom conhecimento técnico para garantir o sucesso e a segurança na prática da escalada. Porém, com relação a isso, sabemos que é possível a adoção de alternativas que viabilizem a prática desse esporte na escola, sem comprometer a segurança dos participantes. É seguro utilizar equipamentos não específicos, mais baratos e de fácil acesso no comércio, desde que sejam seguidas as técnicas e procedimentos corretos. Por exemplo: a corda dinâmica⁸ pode ser substituída por uma corda de náilon comum; a corda amarrada diretamente à cintura pode ser utilizada em detrimento do uso de uma cadeirinha;⁹

-
8. Corda utilizada especificamente para a escalada dotada de alta capacidade elástica para absorver os impactos de quedas.
 9. Equipamento composto por fitas e fivelas que se ajustam à cintura e às pernas, onde se conecta a corda. Geralmente é acolchoado proporcionando maior conforto.

os mosquetões¹⁰ podem ser trocados por elos de aço com sistema de rosqueamento, conhecido como malha rápida. Há ainda a possibilidade de substituição de freios, como o Freio Oito ou o ATC,¹¹ por um nó de frenagem denominado UIAA.¹²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos, as discussões e as reflexões realizados durante a intervenção pedagógica possibilitaram nossa aproximação com o universo juvenil, por meio de uma linguagem que corresponde àquela vivida em seu dia a dia, em que a aventura estimula suas expectativas e desejos.

Nessa perspectiva, os participantes das aulas puderam compreender os aspectos relacionados com o saber, o saber fazer e o saber ser, pois constituíram-se, no decorrer delas, artífices desse processo (ação/reflexão). Quando isso acontece, o aluno deixa para trás a condição de ser apenas um mero participante, para tornar-se sujeito autônomo e autor de suas ações, consciente de seus limites e possibilidades para o enfrentamento dos desafios surgidos diante de diferentes estímulos.

Notamos que a escalada pode incrementar as aulas de Educação Física ao possibilitar formas alternativas de trabalho que incitem reflexões tanto dos educandos, quanto dos docentes. Nesse sentido, ela proporciona a construção de saberes didático-pedagógicos que devem ser socialmente (re)construídos pelos interessados da área, os professores de Educação Física e seus alunos.

Estudar sobre os próprios saberes para ensinar a escalada nas aulas de Educação Física foi fundamental para refletirmos sobre as possibilidades e limitações que enfrentamos no cotidiano escolar, mesmo porque os

10. Ganchos, feitos de aço ou alumínio, utilizados para conectar cordas, pessoas e rochas.

11. Freios mais comuns que travam a corda ou diminuem a velocidade de uma descida durante o rapel.

12. O UIAA, também conhecido como nó dinâmico, é utilizado tanto para dar segurança quanto para rapelar. Normalmente é empregado como freio improvisado no caso de perda do freio ATC durante uma descida ou para dar segurança ao participante.

atores que constituem esse espaço fazem-no se tornar um campo contraditório com constantes conflitos internos que se tensionam mutuamente.

Apesar dos casos de desinteresse identificados e da dificuldade encontrada para o acesso aos equipamentos para a prática, percebemos, por meio de conversas e discussões, que a maioria dos alunos se divertiram durante as atividades e incorporaram alguns dos conhecimentos abordados. Isso gerou novas experiências estimuladas a partir desse conteúdo, como a organização de uma excursão para a prática de rapel em uma cidade no interior do Estado.

Enfim, podemos concluir que, como professores de Educação Física podemos compreender que a legitimação e a autonomia pedagógica da área são construídas no processo de reflexão e reelaboração dos saberes profissionais que mobilizamos e operacionalizamos para ensinar na escola, e a escalada pode/deve ser um instrumento para isso.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. Cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In: SOUZA JUNIOR, M. (Org.). **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005.

CAMINHO Teixeira. Direção: Alexandre Diniz. Secretaria Municipal de Cultura de Teresópolis, Rio de Janeiro. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ScoczRy6R6E>. Acesso em: 19 ago. 2013.

COSTA, C. S. C. **Formação profissional no esporte escalada**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

DAFLON, C.; DAFLON, F. **Escale melhor e com mais segurança**. Rio de Janeiro: Companhia da Escalada, 2010. Disponível em: <www.companhiadaescalada.com.br/tecnica/tecnica.htm>. Acesso em: 19 ago. 2013.

DIAS, A. **et al.** Diagnóstico da educação física escolar no Estado do Espírito Santo condições e comportamentos: o imaginário social dos alunos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11., 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.

- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.
- OLIVEIRA, M. A. T. de. Existe espaço para o ensino de educação física na escola básica? **Revista Pensar a prática**, Goiânia, v. 2, p. 119-135, 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/152/138>>. Acesso em: 25 nov. 2010.
- PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I. **Pedagogia da aventura**: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. Jundiaí: Fontoura, 2010.
- PERRENOUD, P. **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza. 2. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- TARDIE, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2002.
- VIDEIRA, A. I. S. **A escalada**: um desporto e um estilo de vida... Coimbra, 2008. Monografia (Conclusão de curso Licenciatura em Ciências do Desporto). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

Recebido: 01 maio 2013

Aprovado: 16 setembro 2013

Endereço para correspondência:

Fabício Amaral de Souza

IFES – Campus Venda Nova do Imigrante

Rua Elizabeth Minete Perim, s/n

Bairro São Rafael

Venda Nova do Imigrante – ES

CEP: 29375-000

fabricaoamaral_ef@yahoo.com.br